



O erotismo trágico em Hilda Hilst

“Amei de maneira escura porque pertenço à Terra, Matamoros me sei desde menina, nome de luta que com prazer carregue e cuja origem longínqua desconheço, Matamoros talvez porque mato-me a mim mesma desde pequenina [...]”.

HILST, Hilda. Matamoros (da fantasia). In: **Tu não te moves de ti**. São Paulo: Globo, 2004, p.368.

“apunhalou-se, enterrou no meio das pernas aquela faca [...] e tudo isso da Matamoros foi nos tempos antigos quando aqui se morria pobrezinha, enfiando lá dentro aquela faca, esconjurando sangue.”

HILST, Hilda. Tadeu (da razão). In: **Tu não te moves de ti**. São Paulo: Globo, p.364.

“Que é preciso que eu respire agora, afogada que estou, úmida de lembranças, que o espírito perceba que eu morreria amplidões de vezes para voltar à minha tarde rara, tomada de paixão, de sentires sem nome”.

HILST, Hilda. Matamoros (da fantasia). In: **Tu não te moves de ti**. São Paulo: Globo, 2004, p.373.

“pois que cada noite era noite de abraço de mastigar e de lambar a carne, de cheiro gosma de casuarinas, o escorrer vermelho, ferido, mas membrana de amora, eu fechava os olhos dizendo vida tão viva que me deu o Senhor antes de chegar ao portal do paraíso, e quando os abria era

Cacarecos do amor
Acrílica sobre tela, 30 x 75 cm, 2017

tão dor não ver o adorado”.

HILST, Hilda. Matamoros (da fantasia). In: **Tu não te moves de ti**. São Paulo: Globo, 2004, p.376.

“Ela começou a rir histericamente e repetia “veja bem veja bem”, és um perfeito imbecil, um bufo, um idiota. Peguei o bife e recolquei-o no prato. Limpei a poeira dos joelhos. O chão estava imundo. Ela nunca limpava debaixo da escada. Dei, em seguida, um grande urro, como um grande animal e num salto Nureiev, de muita precisão, enterrei-lhe a faca no peito. Ela ficou ali ainda sorrindo, cristalizada. Neste preciso momento, corto-lhe o dedo indicador, aponto-o para seu próprio rosto e repito: “Veja bem, senhora, no quedá um autodidatismo de vida”. Limpou-lhe a unha porque era sempre essa que ela me enfiava na rodela. Eu gostava sim. Ela não sei. Agora, sujo de ódio, atiro o dedo pela janela. A noite está fria e há estrelas. São atos como esse, vejam bem, que fazem desta vida o que ela é: sórdida e imutável”.

HILST, Hilda. Cartas de um sedutor/Novos antropofágicos. In: **Da prosa**. São Paulo: Companhia das letras, 2018, p.296.

“Cintilante, fininha, a blusa mostrava não somente os bicos, mas as duas tetas, firmes redondosas trêmulas. Ela pediu cerveja. Ele pediu sorvete. Os homens do bar olhavam a mulher miúda como se ele não estivesse ali. Ela ria: tô bonita, né bem? Foi nesse instante que ele rosnou aturdido: vai ficar linda agora. Num ímpeto agarrou-lhe as tetas, mordeu-lhe o bico esquerdo, decepou o moranguinho e sujo de sangue e aos gritos colocou o bico na ponta do sorvete de creme, marshmallow e banana. Gritava: agora, benzinho, todo mundo pode ver, chupar e se fartar do teu bico, adeus.”

HILST, Hilda. Cartas de um sedutor/Novos antropofágicos. In: **Da prosa**. São Paulo: Companhia das letras, 2018, p.299.

Erotismo e morte. Paixão e aniquilamento. Êxtase e horror. Não são apenas opostos, são estados que se mesclam e se complementam na prosa hilstiana. É essa, também, a formulação teórica de Georges Bataille, filósofo-escritor francês que se dedicou a compreender a forte ligação entre o impulso erótico e a consciência da morte. Em sua célebre obra **O erotismo** (1957), Bataille proclama “o erotismo é a aprovação da vida até na morte” (BATAILLE, 2017, p.35, grifo do autor). O erotismo é exuberante na medida em que os indivíduos se afastam da atividade sexual rudimentar e animal, esta que tem como fim apenas a reprodução, e são lançados para fora de si mesmos numa busca consciente pelo prazer, e é esse o local da desordem promovida pelo gozo erótico.

O autor revela uma dimensão diabólica do erotismo que se dá no próprio corpo, operando assim uma abertura para a dissolução dos corpos. Na retomada do imaginário grego, anterior à moral cristã, o erotismo trágico implica, então, uma força inelutável que via de regra, habita a ordem do excesso, do inominável e do inapreensível. Na obra hilstiana, a presentificação do erotismo trágico ocorre, na maioria das vezes, quando as personagens são lançadas em situações de perda ou de aniquilamento. Em outras palavras, as personagens percorrem uma via de renúncia e de autodestruição para manter ou restabelecer uma relação absoluta com uma ordem anterior. Neste sentido, a presentificação da paixão e do prazer erótico dá, sob o limiar trágico entre a vida e a morte, pela ferida que se abre sobre a carnalidade ou o tecido embotado da vida cotidiana.



Natália Marques

Doutoranda e Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2020). Integra o grupo de pesquisa Estudos de literatura: memória e identidade cultural. Atualmente, se dedica ao estudo do excesso e erotismo\pornografia na literatura brasileira do século XX e XXI, tendo como foco de pesquisa a obra de Hilda Hilst.

natalia.marques@unemat.br